

A ilha da fantasia virou arquipélago da violência. Cerca de 27% das mortes de homens em 2000 foram provocadas por tiros e acidentes de carro. Mataram mais do que males do coração e pulmão. O percentual é tão alto que coloca o Distrito Federal na frente do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e mostram o retrato da morte na capital do Brasil. Aqui as mulheres sofrem com doenças cardíacas e câncer enquanto seus namorados, filhos, pais, agonizam nas mãos de bandidos ou esfaqueados no trânsito. Sempre precocemente. Das 94 mil mortes masculinas de 2000, 37 mil foram de rapazes com idade entre 15 e 29 anos.

Geovani Della Penna Coqueiro Filho está nessa triste lista. Foi assassinado aos 18 anos, na noite de 9 de junho de 2000. Estava com a namorada e o filho de nove meses quando um bandido resolveu roubar um carro para voltar para casa. Escolheu o de Geovani. Matou ele e a namorada. O bebê sobreviveu. Hoje tem quatro anos e uma cicatriz incurável.

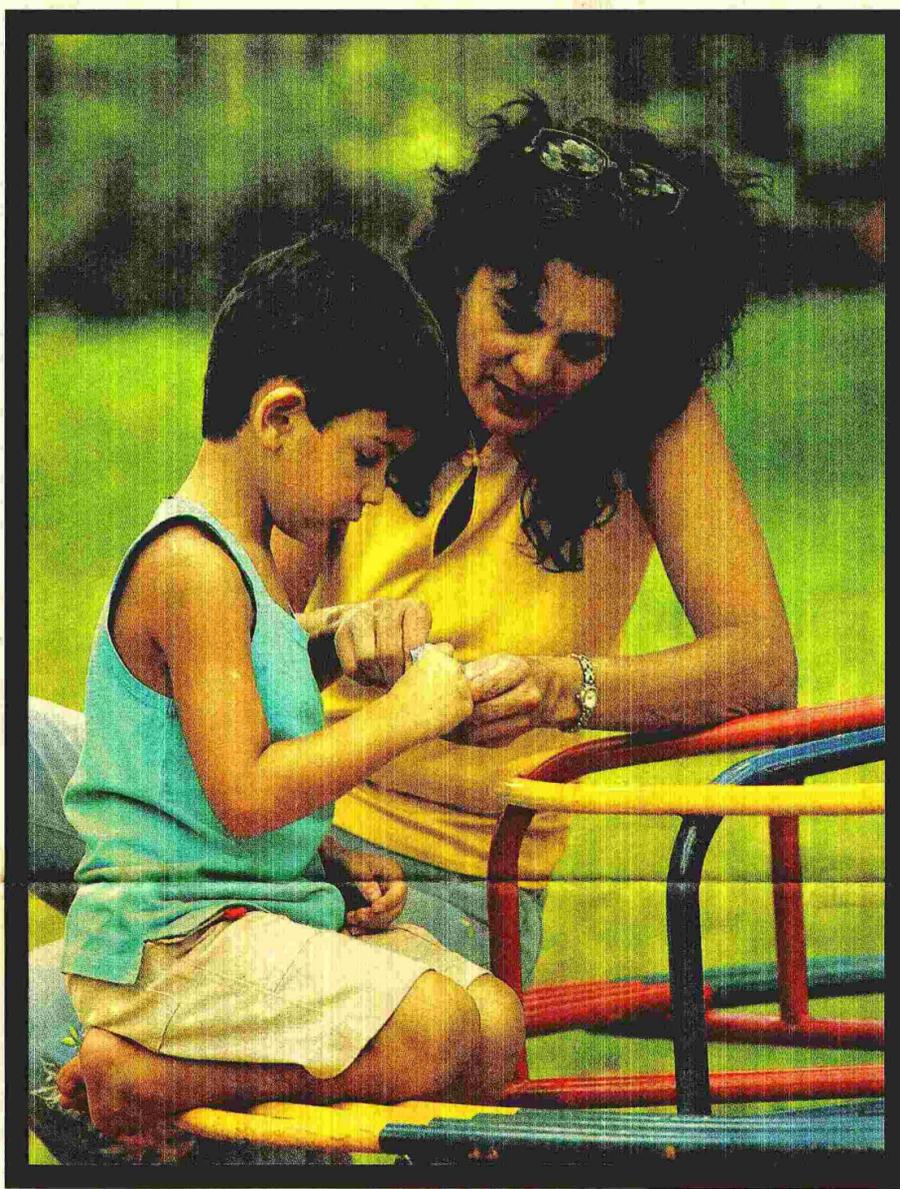
"Minha mãezinha está no céu, chamava Raquel", diz Enzo, ao lado da avó,

Saete Aguiar, que perdeu a filha e agora cria o neto. "Tento não ter ódio, mas é muito difícil. Todos os dias tem um detalhe, alguma coisa, que me faz lembrar a Raquel. Tragédia a gente não esquece."

O cotidiano de Saete, mulher bonita, porém maltratada pelo destino, mostra que o pior pedaço da criminalidade não é aquele visível, manchado de sangue. É o dia seguinte, o ano seguinte, a década seguinte. "Tocar a vida fica difícil, a gente passa a sentir medo. Os números só aumentam, me assustam", afirma Saete.

O IBGE já tem as informações sobre a mortalidade de 2002 coletadas em cartórios de todo o país. A região Centro-Oeste segue na liderança nacional de barbaridade e Brasília se mantém na frente do Rio de Janeiro, estado sempre associado aos males da marginalidade.

No último capítulo da série de reportagens sobre viver no coração do Brasil, o Correio Braziliense revela que morar no lugar com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano do país não significa morar no paraíso nem garantia de morrer em paz.



SALETE AGUIAR CRIA O NETO ENZO DESDE QUE OS PAIS DO GAROTO FORAM BRUTALMENTE ASSASSINADOS: "TRAGÉDIA A GENTE NÃO ESQUECE"

Morrer

O Distrito Federal tem uma das menores taxas de mortalidade infantil do país, mas é campeão em violência. Cerca de 27% das mortes de homens em 2000 foram provocadas por tiros e acidentes de carro

ANA BEATRIZ MAGNO (TEXTO) E JOSÉ VARELLA (FOTO)
DA EQUIPE DO CORREIO

É mais ou menos assim: Brasília é uma ótima cidade para nascer e péssima para morrer. Tem uma das menores taxas de mortalidade infantil do país, 18,5 mortes por mil nascidos vivos. Só perde para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Roraima e São Paulo. Os bebês gaúchos são os campeões de vitalidade, enquanto os alagoanos sofrem diante de índices africanos — 60 enterros por mil nascimentos.

A baixa taxa de mortalidade indica que Brasília tem boas condições de saneamento básico, de educação e que as mulheres cumprem sua

parte — fazem pré-natal desde o começo da gravidez. Não é o caso das nordestinas. Apenas 32,9% das grávidas do Nordeste e 25,8% das nordestinas fizeram mais de sete consultas durante os nove meses que esperavam o herdeiro. No DF, essa média é de 42,3%, ainda tímida, se comparada aos 60% obtidos em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná.

Se a morte não ronda os berçários do DF, o mesmo não se pode escrever sobre as ruas, boates, estacionamento e escritórios da capital brasileira. A violência mata na flor da idade. Das 8.932 mortes registradas em 2002, apenas 354 eram de crianças entre um e 14 anos, enquanto 1.728 per-

deram a vida entre 15 e 39 anos. O número é maior do que entre as pessoas com mais de 75 anos.

"É isso que revolta. É a morte antes da hora. Não dá para a gente falar nem que descansou, que passou dessa para melhor. Nada disso", lamenta Saete Aguiar, um exemplo de que a violência não alcança apenas o território da periferia. "Perdi minha filha e meu genro no Plano Piloto. Ela era uma moça calma, nunca foi a uma boate."

Combater a criminalidade não é apenas uma questão de estancar ou vingar o sofrimento das famílias. É uma questão de gastos públicos. Hoje no Distrito Federal, o governo gasta pouco com saúde, a população se amontoa nas emergências.

Do pouco que gasta, uma boa fatia não vai para melhorar as instalações nem para os tratamentos de grande complexidade. Vai para socorrer as vítimas de tiros, acidentes, brigas. Do total de gastos com internações hospitalares de homens, 29,7% é desembolsado para atender para atender pacientes baleados, atropelados, esfaqueados.

"Isso tem que acabar. Cada um tem que fazer sua parte. Nós fazemos pouco, o governo também. Brasília está sitiada por assentamentos, por pessoas miseráveis, sem trabalho, sem nada. Terminam na bandidagem", lamenta Saete, com o neto Enzo no colo, sorridente, esperto, prova de que a vida pode ganhar da morte.

Retrato de Brasília

27,3%

das mortes de homens em 2000 foram provocadas pela violência, a maioria com idade entre 20 e 29 anos. No Rio de Janeiro, o percentual foi de 22%, em São Paulo, de 21,9%. A média brasileira é 20,9%.

32,8%

das mortes de mulheres foram causadas por doenças do aparelho circulatório. A segunda principal razão de morte feminina no DF são os cânceres, 20,5% do total.

18,5

é a taxa de mortalidade infantil do DF. Perde para o Rio Grande do Sul, 15,7, Santa Catarina, 17,5, São Paulo, 18, e Roraima, 17,9.

281.188

pessoas se internaram nos hospitais do DF em 2000, sendo que menos da metade, 44%, ficaram em instituições públicas.

10

dias foi o tempo médio de internações de idosos no DF em 2000. Só perde para o Rio de Janeiro. Para crianças de até 14 anos, a média também é alta, a segunda do Brasil, com 6,2 dias.

2.481

é o número de habitantes por estabelecimento de saúde no DF. Perde para Rondônia, Acre, Tocantins, Roraima, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande Norte, Paraíba e todos os estados do Sul e Centro-Oeste.